

A aporia nos diálogos de juventude de Platão; Eutífron, Críton e Laques

The apory in the youth dialogues of Plato: Euthyphro, Crito and Laches

PABLO ROBERTO DA SILVA¹

Resumo: Os diálogos de juventude de Platão apresentam uma característica peculiar em relação às demais obras de filosofia: eles não alcançam a resposta para a questão proposta. Eles são investigações inconclusivas ou diálogos aporéticos. O objetivo é analisar comparativamente algumas obras de Platão e, a partir dessa análise, identificar as semelhanças e as diferenças no processo argumentativo. Ao cabo destas investigações, pretende-se esclarecer a razão pela qual as discussões apresentadas pelo filósofo não atingem suas metas.

Palavras-chave: Platão. Maiêutica. Aporia.

Abstract: Plato's youth dialogues have a peculiar feature in relation of the other works of philosophy: they do not reach the answer to the question posed. They are inconclusive investigations or aporetic dialogues. The objective is to comparatively analyze some of Plato's works and, from this analysis, to identify the similarities and differences in the argumentative process. At the end of these investigations, it is intended to clarify the reason why the discussions presented by the philosopher do not reach their goals.

Keywords: Plato. Aporia. Maieutic.

Introdução

Os escritos de juventude de Platão (escritos até a morte de Sócrates 399 a.c) são feitos para a possível definição de valores² que são comuns na vida cotidiana de muitas pessoas, principalmente das personagens participantes dos diálogos aqui citados. Esses diálogos tem uma característica que os difere dos demais escritos de filosofia, eles não chegam a uma definição, por isso são denominados aporéticos, ou seja, sem conclusão. Os seguintes diálogos que serão analisados não têm uma definição completa sobre a *areté*³ que tentam definir, mas isso não exclui o fato de se mostrarem importantes no desenvolvimento da história da filosofia e no crescimento intelectual dos leitores ou dos apreciadores das obras. Sócrates tenta conduzir as personagens participantes do diálogo para a definição, mas o filósofo, e os interlocutores não chegam a essa definição. O motivo desse artigo é entender o

¹Graduando de Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Atualmente é graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Participa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) do curso de filosofia. E-mail: pablo-roberto.silva@outlook.com

²Victor Goldschmidt em seu livro *Os Diálogos de Platão, estrutura e método dialético* (2002) busca no capítulo II uma resposta para os diálogos aporéticos. Ele dá nome ao capítulo como, *Em busca dos valores* tentando explicar o motivo da aporia nos diálogos.

³ἀρετή. Termo grego que em português se traduz como *areté*, que significa adaptação perfeita ou excelência. O termo grego que surgiu como definição sobre o que o indivíduo é designado a fazer em sua vida. Pode-se traduzir também como *virtude*.

porquê dessa não conclusão. Platão tenta mostrar aos seus interlocutores através da personagem Sócrates a definição completa, ou a mais próxima sobre determinados valores que eram denominados por muitos como evidentes e cristalinos. Sócrates emprega o método da maiêutica⁴ para questionar os integrantes do diálogo até que possa parecer solucionável a questão que está sendo σκέψις⁵.

Aporia vem do grego Ἀπορία e significa sem saída, inconcluso ou sem conclusão. O fato de um texto não ter o seu final, ou seja, o resultado por completo da definição da *areté* colocada em σκέψις não perde a credibilidade e importância da obra, principalmente nos escritos de Platão. A Ἀπορία platônica se faz de suma importância para o entendimento da filosofia e também de toda obra do filósofo grego. Platão ao escrever os diálogos de juventude seleciona com maestria as falas da personagem principal, Sócrates, as falas do filósofo grego e também mestre de Platão que são expostas na obra, são deveras importante para que possa ocorrer o desenvolvimento do diálogo e por fim mostrar o que acontece com os cidadãos que os deixa confusos em relação ao tema que está sendo definido. O motivo que influenciou a análise desse artigo é; a questão da Ἀπορία ser deveras importante para o entendimento da filosofia platônica, analisar a existência de uma semelhança argumentativa, seja de Sócrates ou das personagens presentes nos diálogos, desta forma mostraremos como os escritos de juventude apresentam uma característica semelhante em seu desenvolvimento, seja nos diálogos aporéticos que serão analisados aqui, e, também no diálogo *Críton ou do dever*⁶, que não é propriamente um diálogo aporético mesmo contendo a Ἀπορία no decorrer da obra. Por fim mostrar o motivo, seja lógico, ou outra razão para que os interlocutores da obra não consigam definir o que é proposto. Isso está presente nas três obras analisadas e nos outros diálogos escritos no período de juventude do filósofo grego Platão.

Os diálogos escolhidos para a análise da Ἀπορία nos diálogos de juventude foram três, *Eutífron ou da piedade*, *Críton ou do dever* e *Laques ou da coragem*⁷. Todos esses diálogos escolhidos têm características semelhantes em sua argumentação, e por isso foram selecionados, para mostrar que os escritos de juventude de Platão têm uma semelhança lógica, e isso é notado pelos leitores nas questões impostas por Sócrates ou nas respostas e observações feitas pelos participantes do diálogo. Os interlocutores dos diálogos ao iniciar uma

⁴Método Socrático que resulta em diversas perguntas até chegar em uma possível conclusão. Maiêutica vem do grego μαϊευτική (maieutike) e significa dar a luz.

⁵σκέψις - *skepsis*. A palavra vem do grego e em português significa *investigação*.

⁶Alguns renomados comentadores de Platão não caracterizam o diálogo *Críton ou do dever* como um diálogo aporético. Victor Goldschmidt, comentador do filósofo Platão em seu livro *Diálogos de Platão, estrutura e método dialético* (2002) deixa um momento separado do seu texto para explicar o diálogo *Críton* do filósofo grego. Victor Goldschmidt foi o comentador mais utilizado para a realização desse artigo, seguiremos com sua ideia e teoria sobre o diálogo *Críton ou do dever*.

⁷A tradução das obras utilizadas foi feita por Carlos Alberto Nunes e foi publicadas pela Universidade Federal do Pará (1980).

argumentação sobre o assunto mostram características semelhantes – nos três diálogos isso ocorre –, ao ler com a atenção devida essas três obras é possível detectar essa semelhança argumentativa por parte dos interlocutores, isso ocorre até mesmo com a personagem principal, Sócrates, que utiliza o método maiêutico para poder seguir com a tentativa de definição, mesmo sendo análises sobre valores ou *areté* diferente, todos tem respostas parecidas, mas qual poderá ser essa questão que impede de se responder o que é esperado? Será algo que mostra que os participantes dos diálogos são ignorantes sobre esses assuntos? Podemos excluir essa hipótese que diz que as personagens são ignorantes dos assuntos que estão sendo σκέψις, Laques ao ser questionado sobre a coragem tem condições de definir esse valor, pois ele é um soldado renomado, uma das características predominantes militares é a coragem, mas o soldado utiliza apenas de exemplos que não definem a *areté* que está em presente σκέψις. Nota-se então que é outro motivo que impede de definir as questões, e esse motivo está presente em todos os participantes dos diálogos. Esse motivo que está presente nos participantes é o que se pretende encontrar ao fim dessa análise sobre a Ἀπορία e também sobre a questão argumentativa presente nesses diálogos.

Partindo agora para a análise de cada diálogo e conseqüentemente a sua forma lógica, analisaremos cada diálogo separado. Inicialmente mostrando a contextualização da obra, que se faz importante para entender o motivo da conversa sobre a possível definição da *areté*.

Eutífron é no *Corpus Platonicum*⁸ o primeiro diálogo, onde Sócrates se encontra indo ao conselho dos quinhentos⁹ para se informar sobre seu julgamento. O filósofo grego encontra Eutífron, um cidadão que vivia em uma região afastada de Atenas. Os dois iniciam uma conversa sobre a situação em que Eutífron se encontra, ele está acusando seu pai sobre homicídio, o pai dele matou um dos seus servos, pois deixou amarrado durante dias e então o servo morreu de fome. Sócrates fica surpreso ao ouvir que a punição que Eutífron faz – a surpresa de Sócrates é pelo motivo de fazer acusação contra o seu próprio pai, algo que não era comum em Atenas –. Após essa breve conversa Eutífron diz que é injusto não punir quem comete algum crime – deve-se lembrar que as leis atenienses vão contra deixar impune quem comete algum crime mas também é extremamente errado acusar os genitores, ou seja, Eutífron se vê completamente em um caminho sem saída, já pode ver que esse é um dos motivos para que não possa resolver a questão que está sendo σκέψις –. A personagem Eutífron demonstra uma certa surpresa e insatisfação quando Sócrates questiona se foi alguém da família de Eutífron que foi assassinada pelo seu pai¹⁰, a observação de Eutífron vem em seguida a fala de Sócrates;

⁸ *Corpus Platonicum*, forma que se intitula os diálogos de Platão em sua possível ordem de escrita.

⁹ Local onde havia os julgamentos na antiga Atenas.

¹⁰ *Eutífrone* 4 b.

Eutífrone¹¹ – É ridículo, Sócrates, pensares que há diferença entre ser morto um estranho ou um dos meus familiares, quando o que apenas importaria considerares é se o assassino tinha direito de matá-lo. (EUTÍFRONE 198o. 4b-c.)

É notável nessa passagem que Eutífron é justo (ou pelos menos pensa que é). Não importa se foi seu pai, irmão ou mãe que cometeu certo crime, a justiça deve ser feita para todos. A personagem Eutífron se mostra bastante religiosa¹² e isso é notável no decorrer da obra, essa observação se faz importante para o entendimento das seguintes respostas da personagem quando questionada por Sócrates. Após a introdução e contextualização do cenário e do motivo da conversa, inicia propriamente a conversa sobre o tema de agir piamente e impiamente. Essa possível definição sobre piedade inicia quando a personagem Eutífron diz que seus familiares voltaram-se contra o mesmo por ele querer ficar em defesa do morto¹³, essa observação resulta na resposta de Eutífron, que diz “Isso mostra apenas, Sócrates, quanto são ignorantes das coisas divinas, e do que seja piedoso e ímpio.” (EUTÍFRONE 198o. 4 d). Essa é a brecha que a personagem que se denomina conhecedora das ações piedosas e impiedosas abre para que Sócrates queria conhecer mais sobre essa *areté*. Sócrates então questiona:

Sócrates – Então, dize-me o que, a teu ver, é piedoso e o que é ímpio.

Eutífrone - Acho que piedoso é o que estou fazendo agora, a saber, perseguir os criminosos, tanto de crime de morte como roubo sacrilégio, o de qualquer outro ato do mesmo gênero, ou se trate de pai, ou de mãe, ou de quem seja; não persegui-lo é ímpio. (EUTÍFRONE 198o. 5e.)

Pode-se observar um erro que acontece no início dos diálogos de juventude e que influencia a *Ἀπορία* em seu final. Sócrates questiona o seu interlocutor sobre o que é a piedade. Piedade em seu sentido geral. A pergunta pode se definir como; o que é a *areté* piedade? Eutífron não entende isso inicialmente. A questão que o filósofo grego questiona é o que é essa *areté* por completo, e não onde se encontra a piedade. Eutífron responde rapidamente o filósofo¹⁴ como foi mostrado na citação anterior, a resposta vem rápida e com uma confiança da personagem¹⁵, a confiança

¹¹ A tradução utilizada do diálogo *Eutífron ou da Piedade* é feita por Carlos Alberto Nunes, O tradutor traduz Eutífron por Eutífrone.

¹² O filósofo Sócrates comenta isso na passagem 4 d.

¹³ *Eutífrone* 4 d.

¹⁴ *Eutífrone* 5 e.

¹⁵ Os diálogos de Juventude de Platão, esses que contém aporia em seu desfecho mostram personagens possivelmente sábias sobre a *areté* que está sendo questionada. A resposta de Eutífron sobre o que é pio e ímpio se apresenta de maneira rápida. Ele se denomina conhecedor dessa *areté*, a sua resposta está completamente pronta, ele encaixou no contexto que estava e assim mostrou o que a personagem imagina ser a *areté* piedade.

que após a refutação de Sócrates se perde, se perde pelo motivo de Sócrates mostrar que, a resposta de Eutífron é vaga, simples e não é o que o satisfaz os requisitos¹⁶ da questão. Devemos citar aqui novamente qual é a tese que Eutífron diz e que ele acompanha o mesmo em todo o decorrer do diálogo, é a seguinte; *O que os deuses agrada, é pio; o que desagrada, ímpio.*¹⁷

Podemos denominar até a apresentação do diálogo, onde Sócrates questiona e mostra outra observação sobre a resposta de Eutífron como, o início do diálogo, que muda completamente sua estrutura quando ocorre a primeira Ἀπορία¹⁸. Primeira Ἀπορία pelo fato de nesse momento já ocorrer a desistência de uma das personagens. Eutífron após ser refutado e ter observado que sua possível compreensão sobre a *areté* que estava sendo questionada é vaga, e essa observação sobre a piedade a partir da resposta de Eutífron resulta em argumentos que fogem do escopo da σκέψις, a personagem que empresta seu nome a obra perde totalmente a motivação para prosseguir com a busca pela definição de piedade.

Eutífrone – Em verdade, Sócrates, não sei de que maneira exponha o meu pensamento, porque todos os nossos argumentos como que giram em torno de nós mesmos, não permanecendo nenhum lugar em que o colocamos. (EUTÍFRONE. 1980. 11b.)

Durante a conversa das personagens podemos notar algo que tem suma importância nesta obra que é o *dilema de Eutífron*, que argumenta que *O que é agradável aos deuses é agradável por ser amado por deuses, não por eles por lhes ser agradável*¹⁹ – uma questão bastante importante na obra, porque ela é uma das observações que ocorrem quando coloca os deuses no meio do questionamento – , mas que nesse trabalho não explicarei com a importância devida porque o dilema de Eutífron não é propriamente o objeto de σκέψις.

A maiêutica socrática causa a desistência das personagens do diálogo. Ao ser questionado repetidas vezes sobre o mesmo valor²⁰, Sócrates consegue mostrar que o que a personagem disse é correto mas existe uma lacuna, ou seja, Eutífron entende a pergunta de Sócrates mas não consegue responder algo que seja de entendimento dos dois participantes do diálogo. Eutífron se encontra “abatido” por ter sido refutado. Após ocorrer a primeira Ἀπορία, Sócrates é quem conduz o diálogo, mostrando para Eutífron outros exemplos e um ponto de vista diferente sobre a piedade. A Ἀπορία acontece então no decorrer do diálogo e na sua conclusão. Antes de chegar no término do diálogo e na Ἀπορία final, Eutífron continua

¹⁶ Estes requisitos seriam as respostas corretas sobre a *areté*, o que Sócrates esperava ser respondido.

¹⁷ Eutífrone 7 a.

¹⁸ A definição de Primeira Ἀπορία é exposta no livro de Victor Goldschmidt. p. 33 (2002) Onde mostra a primeira vez que ocorre a Ἀπορία no diálogo, que é um problema e que após isso muda completamente a continuação da obra.

¹⁹ Eutífrone 10 e.

²⁰ Ver nota nº3

argumentando com Sócrates, mostrando sua visão sobre a *areté* que está em σκέψις, mas podemos ver que mesmo Sócrates apresentando argumentos diferentes sobre a *areté* questionada o interlocutor do diálogo não abandona em nenhum momento a sua tese, mesmo parecendo aceitar o que o filósofo diz, os argumentos que Eutífron expõe giram em torno da sua tese inicial²¹, um ponto que deve ser notado pois tem suma importância no desenvolvimento da obra e também na Ἀπορία. Por que Eutífron não consegue abandonar a sua tese inicial mesmo após ela ter sido refutada? Isso é importante e será explicado com a importância devida.

A tese defendida por Eutífron, que ele relata na passagem de 7-a (que também já foi citada nesse trabalho) é a qual rege o seu pensamento em toda a análise sobre a *areté* piedade. Em diversos momentos a σκέψις da *areté* exposta no diálogo retorna para o que os deuses agrada, e o que os deuses não agradam. Eutífron na primeira Ἀπορία diz a verdade que os argumentos giram em torno deles próprios²². O que acompanha o diálogo desde seu início até o seu desfecho é a primeira tese, ou seja, a tese que Eutífron apresenta quando questionado por Sócrates que motivou a conversa sobre piedade acompanha a conversa das personagens em todo o diálogo. Pode-se entender que é por esse motivo que Eutífron não consegue explicar ou aceitar outra doxa, ele sempre retorna para o início, eles giram em torno dos mesmos argumentos. O que pode ser extraído dessa questão é que, Eutífron – e nos outros diálogos ocorre o mesmo problema – está preso em seu mundo das imagens²³, este mundo das imagens entendemos como os exemplos que cada personagem apresenta ao responder o que foi questionado, observação de suma importância feita por Victor Goldschmidt (2002) que ajuda na compreensão da Ἀπορία platônica. O mundo das imagens ou somente *imagem* que o comentador Victor Goldschmidt relata, pode se definir como o que está preso na alma²⁴ em cada um dos interlocutores dos diálogos de juventude. Ao fim da σκέψις o preceito de unificação²⁵ parece ser entendido pelos interlocutores, Sócrates consegue explicar

²¹ Eutífrone 7 a.

²² Eutífrone 11 – b.

²³ Victor Goldschmidt (2002) cita que a *imagem* é algo que acompanha os participantes dos diálogos. Ao tentar definir a *areté* as personagens apresentam três níveis de imagens, a primeira diz respeito a criar concorrentes da imagem proposta (*O arbitrário de sua eleição*), o segundo apresenta imagens opostas a imagem inicial (*Contingência da imagem*), e por fim o terceiro apresenta a contradição da imagem entre a *areté* que está em σκέψις (*A ambiguidade da imagem*). O mundo das imagens são os exemplos que as personagens utilizam para dar suas respostas sobre a possível definição da *areté*. P. 36.

²⁴ Victor Goldschmidt (2002) nos mostra através de uma perfeita argumentação que existe um obstáculo (imagem) que atrapalha os interlocutores na possível definição, esse obstáculo se faz em círculos, aparece na primeira Ἀπορία, no decorrer do diálogo e posteriormente na Ἀπορία final. Portanto, entende-se que isso está preso na alma de cada um das personagens. O mundo das imagens é o obstáculo para a definição da *areté*. P.71.

²⁵ *Os diálogos de Platão, estrutura e método dialético*. Victor Goldschmidt. O preceito de unificação citado pelo comentador platônico diz em definir por completo o valor (*areté*) que está sendo σκέψις. Unificar é reduzir e transformar em um. Os diálogos que estão nesse trabalho tentam unificar uma *areté*. Mostrar qual seria o valor mais puro ou o mais próximo da unificação de cada *areté*.

quais respostas ele esperava dos participantes do diálogo, mas não foi respondido conforme agradasse os requisitos esperados²⁶. A situação da imagem se faz presente nos interlocutores dos diálogos, as personagens ficam presas, com isso respondem somente em exemplos e que impede os mesmos de buscar a verdade que está por trás da areté que se põe em discussão.

A σκέψις do diálogo Eutífron se fez de forma mais detalhada para que possa acontecer o entendimento dos outros dois diálogos a seguir. A avaliação da parte argumentativa das personagens foi selecionada com maestria. Os outros diálogos que estão em avaliação irão mostrar as mesmas características lógicas.

Partiremos para a σκέψις do diálogo *Laques ou da coragem*. Diálogo posterior ao Eutífron.

O diálogo *Laques* é um diálogo aporético por conta da não definição da *areté* coragem. Sócrates e Laques não conseguem chegar a conclusão sobre o que é essa *areté*. O diálogo se inicia questionando quem pode ensinar determinados exercícios com espadas aos jovens, os participantes do diálogo respondem que é somente quem tem conhecimento sobre esse exercício. Um argumento que tem um fim semelhante ao argumento apresentado no diálogo *Críton ou do dever*, que deve somente aceitar a opinião de quem propriamente entende do assunto ou consultar o que sofrerá determinada ação. A opinião de maioria decidir é rejeitada por Sócrates²⁷ neste e no diálogo *Críton*, através da conversa Sócrates consegue mostrar que não é aconselhável deixar que a maioria escolha o que é melhor para os jovens, o filósofo diz que a coisa certa a se fazer é apoiar no conhecimento e não no maior número²⁸, seguindo a conversa Sócrates com arte de argumentação muda o escopo da conversa e inicia-se uma σκέψις sobre quem deve ensinar a arte de exercitar-se completamente armado²⁹. Ainda nesse momento não se inicia a σκέψις da coragem. Ela começa quando Sócrates vê que eles estão somente analisando quem pode e quem não pode ensinar determinadas artes. O filósofo então quer saber a *areté* que está por trás da arte da hoplomaquia. Ele apresenta que a *areté* que rege essa arte de combate é a coragem, após um caminho longo de conversa inicia-se então a σκέψις sobre *areté* coragem.

Após toda a conversa de alguém poder ou não poder ensinar isso, a escolha de quem pode ser o professor da arte de se exercitar com armaduras fica com o guerreiro Laques, por ser um guerreiro consequentemente ser corajoso, pois ela é uma característica predominante no âmbito militar, então Sócrates pergunta

²⁶ Ver nota nº16

²⁷ *Laquete* 184 d. Nessa pequena frase Sócrates já expõe sua negação perante a escolha de decidir determinada coisa sobre a opinião da maioria.

²⁸ *Laquete* 184 e.

²⁹ *Laquete* 181 c.

diretamente a ele o que é essa *areté*, ao ser questionado por sobre o que é essa arte, a personagem apresenta um exemplo:

Sócrates – Começemos, portanto, Laques, por determinar o que é coragem; de seguida, passaremos a considerar de que maneira ela pode ser comunicada aos moços e até onde estes conseguirão adquiri-la por meio do estudo e do exercício. Começa, portanto, como disse, por explicar-nos o que seja a coragem.

XVII – **LAQUETE** – Isso, Sócrates, por Zeus, não é difícil de explicar. Como sabes, homem de coragem é o que se decide não abandonar seu posto no campo de batalha, a fazer face ao inimigo e a não fugir. (LAQUETE. 198o. 190e-d.)³⁰

Nesse momento podemos observar a semelhança argumentativa por parte da personagem Laques. A pergunta socrática busca novamente a unificação da *areté* e não somente onde ela existe. Uma deficiência em argumentação que está tanto na personagem Eutífron como na personagem Laques. Analisando essa argumentação, já pode dizer que Laques também está preso em seu mundo de imagens, pelo simples fato de ele primeiramente não entender a questão de Sócrates e por sua resposta ser um mero exemplo. A personagem que empresta seu nome a obra não entende a pergunta do filósofo. Sócrates ao contrário do diálogo anterior não apresenta logo de início uma ironia, ele diz que a resposta do guerreiro não foi exprimida com clareza, e diz que ele respondeu outra coisa³¹. Nesse momento o filósofo já observou a dificuldade das personagens em compreender a pergunta sobre a *areté*. Novamente nesse diálogo Sócrates será o mestre na questão de mostrar o que ele de verdade espera das respostas do provido em coragem. A partir disso a maiêutica novamente tem seu papel importante. É ela que mostrará que a resposta de Laques é em partes correta mas ainda existe um lacuna (o mesmo ocorreu com Eutífron), pois ela não é a resposta completa sobre a coragem, a unificação sobre essa *areté* ainda não foi encontrada na resposta da personagem Laques. Portanto, o guerreiro observa a dificuldade em responder o que é o esperado, e não consegue agradar os requisitos da questão com suas respostas e entra em *Ἀπορία*;

LAQUETE – Por minha parte, Sócrates, estou disposto a não desistir, apesar de pouco afeito a essa ordem de pesquisas. Mas uma certa irritação se apodera de mim ante o que conversamos, e me sinto verdadeiramente contraído por ser incapaz de encontrar a expressão adequada à ideia. Em pensamento, imagino saber o que seja coragem; mas não posso compreender como ela me escapa, de forma que não consigo apanhá-la no discurso e dizer o que ela seja. (LAQUETE. 198o. 194 a.)

³⁰ A tradução utilizada do diálogo *Laques ou da Coragem* é feita por Carlos Alberto Nunes, O tradutor traduz Laques por Laquete.

³¹ *Laquete* 190 e.

A primeira Ἀπορία ocorre, Sócrates que já estava conduzindo até então o diálogo agora tem um papel mais importante, que é de continuar com a σκέψις da *areté*. A personagem Laques não se vê completamente abatida como ocorre com Eutífron na σκέψις da *areté* piedade. Ela mostra vontade em prosseguir com a busca pela definição da coragem, o que facilita o caminho de Sócrates, pois ele pode prosseguir com a σκέψις. A partir disso, Sócrates tem um papel mais importante de quando iniciou a conversa, e mostra observações sobre que pode ser a *areté* coragem. As observações mostradas pelas personagens do diálogo se mostram importante para responder a questão principal da obra, não exibirei todas com a importância devida porque *Laques* não é o único diálogo a ser analisado neste trabalho. Mas os apreciadores e leitores da obra irão notar as passagens importantes deste diálogo.

A σκέψις feita até aqui mostra que a estrutura desse diálogo é semelhante ao diálogo Eutífron que foi analisado anteriormente. As características são semelhantes, a primeira definição de coragem³², a maiêutica exposta para dar luz ao conhecimento, a dificuldade em entender o preceito de unificação e também a primeira Ἀπορία, notamos essa semelhança nas duas obras até então σκέψις, e portanto o que muda é o objeto de estudo. Entende-se que o que não deixa as pessoas apresentarem o que é a verdade absoluta de cada coisa analisada está presente em todos. Isso é o mundo das imagens, que já foi explicado anteriormente. A deficiência existe em todas as personagens dos diálogos. Se a conversa se estendesse poderia chegar em uma definição que agradasse tanto as personagens como os requisitos, principalmente no diálogo *Laques*, nesses três diálogos que contem a Ἀπορία em seu desenvolvimento e no diálogo *Eutífron ou da Piedade e Laques ou da Coragem* onde ela acontece também no seu desfecho, *Laques* é o que se aproxima mais para a possível definição esperada.

Agora a última σκέψις feita nesse artigo é sobre o diálogo *Críton ou do dever*. A obra tem o seu cenário na prisão, logo após Sócrates ser condenado a morte. A personagem Críton discípulo de Sócrates vai até a prisão onde se encontra o filósofo para convencê-lo de que deve fugir da prisão, salvar a si próprio e também não abandonar seus familiares e amigos. Críton usa diversos argumentos para tentar convencer Sócrates a prosseguir sua vida, fala de sua família, para ele continuar com seus ensinamentos e por fim, continuar vivo. O seguidor de Sócrates diz que é não é correto o que está acontecendo, e que sua condenação à morte foi algo deveras άδικο (injusto), e por ser άδικο ele deve sair e continuar a sua vida. Aqui entende-se que o diálogo tenta definir uma questão de δικη (justiça) e αδικια (injustiça), a obra tem seu desenvolvimento a partir dessas observações expostas pelo interlocutor e, que Sócrates após isso discorre sobre o tema. O diálogo trata de um tema importante, o dever moral, por isso deve-se observar com atenção cada

³² *Laquete* 190 e.

apontamento que Sócrates utiliza. A σκέψις deve ser feita com atenção pois tem a mesma estrutura lógica dos diálogos anteriores mostrados nesse artigo, a obra apresenta a Ἀπορία de uma forma de difícil percepção, mas ela acontece, o que é principal nessa obra é o método com que Sócrates tem que abordar o seu discípulo, Críton por ser seguidor de Sócrates já viu diversas vezes o seu mestre dialogando com diversos sábios, o mesmo já viu a Ἀπορία acontecer diversas vezes, então a dificuldade nesse diálogo é o modo com que Sócrates terá de abordar o seu interlocutor, que como diz Victor Goldschmidt (2002) já jogou esse jogo diversas vezes³³. O diálogo tem muitos pontos importantes até o seu desfecho, a observação inicial é de suma importância para o entendimento completo da obra se faz no seu início, um argumento utilizado por Críton explicando o motivo da possível fuga de Sócrates, o argumento é o seguinte:

III Critão – Sim, muito, como se vê. Mas, meu caro Sócrates, ainda é tempo de seguires o meu conselho e de te salvars. Porque, se vieres a morrer, não constituirá isso infelicidade apenas para mim. (CRITÃO. 1980. 44-b-c.)³⁴

Nessa pequena passagem podemos ver a opinião de Críton sobre o motivo de Sócrates ter que fugir da prisão. Nessa passagem o motivo é a tristeza de Críton e dos demais seguidores do filósofo que ficarão perdidos sem seu mestre. Juntamente com a tristeza de Críton encontra-se a frustração do mesmo se não conseguir tirar Sócrates da prisão, para ele será vergonhoso não convencer o seu mestre a fugir, outro motivo é por conta do dinheiro que foi gasto em forma de suborno para os guardas deixarem o filósofo escapar. Continuando σκέψις, a tristeza de Críton e também dos demais já é entendida por Sócrates e ele questiona³⁵ e inicia-se a σκέψις principal do diálogo.

A opinião de Críton é motivada por outras crenças, que podemos chamar de δόξα³⁶ e que ele chama de “opinião da maioria”³⁷ como podemos ver na passagem a seguir:

Critão – Mas, como estás vendo, Sócrates, é preciso tomarmos também em consideração a opinião da maioria. O presente caso, justamente, nos mostra por maneira muito clara que o grande número é capaz de causar mal pequeno, senão mesmo o maior de todos, quando alguém é vítima de calúnia. (CRITÃO. 1980. 44-d.)

³³ Victor Goldschmidt, *Os Diálogos de Platão, Estrutura e método dialético*. P. 316.

³⁴ A tradução utilizada do diálogo *Críton ou do Dever* é feita por Carlos Alberto Nunes, O tradutor traduz Críton por Critão.

³⁵ *Critão*. 44 c.

³⁶ δόξα (em português *Doxa*) é uma palavra de origem grega que expressa a opinião. Opinião ou crença comum.

³⁷ *Critão*. 1980. 44 d.

Podemos ver aqui um ponto semelhante desse diálogo aos outros que estão em σκέψις. A forma com que Críton se expressa para Sócrates, motivando-o a escapar da prisão é algo que a maioria pensa – como já exposto anteriormente, a opinião da maioria é um dos pontos importantes desse diálogo –, a maioria para Críton é o que está correto – O filósofo Sócrates sempre reprovará essa opinião de aceitar o que a maioria decide –. Ao invés de seguir seus princípios, a personagem que empresta seu nome a obra parte de uma ideia que não é especialmente sua, foi motivada pelos demais, Sócrates utiliza da maiêutica para mostrar como a argumentação de Críton é inválida, e porque seguir a opinião da maioria não é o caminho correto a seguir.

O interlocutor da obra tem sua tese que fugir da prisão é correto, o motivo disso é que não deve ser δίκαιη quando está havendo uma αδικία, ou seja, o que houve com Sócrates foi uma condenação deveras errada, ele não devia estar condenado a morte, e por esse motivo agir com δίκαιη é fugir da prisão. Sócrates entende a argumentação de Críton desde o início, ele deixa a personagem argumentar até ver onde ela pode chegar. Nesse ponto a ironia de Sócrates é nitidamente notável. No fim da fala e de todas as teses do interlocutor, Sócrates começa sua argumentação sobre o motivo de não seguir o que Críton deseja. O filósofo aparenta estar calmo perante a sua condenação, entendendo que foi αδικία, ele quer seguir o que está proposto a ele. Depois de todos os apontamentos de Críton sobre o motivo de fugir da prisão (porque está havendo uma αδικία com Sócrates e que todos querem ter novamente o filósofo em seu meio), novamente Sócrates utiliza do método maiêutico para responder que seguir a opinião da maioria é errado e depois mostrar o porque dele continuar preso e aceitar a condenação, fazendo essa última resposta uma análise da moralidade. A refutação de Sócrates é que seguir a opinião da maioria é errado, partir da opinião das pessoas somente porque é o que resulta em prazer para o maior número não agrada o filósofo – isso acontece no *Laques* e Sócrates também mostra sua insatisfação perante isso³⁸ –. Como foi dito na σκέψις do diálogo sobre a coragem, a insatisfação de Sócrates sobre aceitar o que a maioria quer é explicada no diálogo *Críton*, e o motivo disso acontecer também, o filósofo utiliza metade da conversa explicando porque seguir a opinião da maioria é a decisão errada a se tomar e por fim consegue convencer Críton;

Sócrates – E valerá a pena viver, se vier a corromper-se o que em nós se deteriora com a injustiça e se aperfeiçoa com a justiça? Ou devemos considerar mais vil do que o corpo essa qualquer coisa que há em nós, que se relaciona com a justiça e a injustiça?

Críton – De forma alguma.

Sócrates – É muito mais nobre, então?

³⁸ *Laquete*. 184 e.

Critão – Muito.

Sócrates – Logo, meu caro amigo, não devemos de forma alguma preocupar-nos com o que diz a maioria, mas apenas com a opinião dos que têm conhecimento do justo e do injusto, e com a própria verdade. (CRITÃO 1980.47 e, 48 a.)

Aqui mostra novamente a questão que Sócrates inicia no *Laques ou da Coragem*, que deve seguir apenas a opinião dos verdadeiros sábios sobre determinadas areté. Sócrates segue a sua moral, que é não fugir e seguir as leis que estão impostas a cada cidadão, o mesmo fala que não deve responder à injustiça com outra ação injusta e que nunca deve-se fazer injustiça³⁹. A *Ἀπορία* se apresenta de forma diferente nesse diálogo, Críton diz; “Não sei, Sócrates, o que responder á tua pergunta; não a compreendo” (CRITÃO. 1980. 50 a.). A *Ἀπορία* exposta aqui é justamente a *Ἀπορία* que ocorre no desenvolvimento da obra e podemos entender que ela é a *Ἀπορία* final, a personagem Críton não expõe novamente argumentos para tentar convencer Sócrates sobre sua tese. Ela aceita nesse momento e continua ser a ouvinte dá conversa, mas agora ela é ouvinte definitiva. Sócrates que toma por completo a ordem do discurso . Por fim, o filósofo apresenta o motivo de seguir as leis, usando uma metáfora que ele expõe no diálogo, que é uma conversa que ele tem com as leis, essa é a forma diferente que o filósofo encontrou de mostrar a verdade para Críton, pois todos os seus métodos anteriores o seu seguidor já sabia e não ia aceitar logo de primeira, a criatividade na arte da argumentação do filósofo nessa obra acontece nessa passagem. Uma observação importante mostrando que desde o nascimento de cada pessoa as leis já estão mediando a sua vida, Sócrates expõe que todos são nascidos e criados perante as leis⁴⁰, ao fim desta σκέψις Sócrates apresenta que quem comete ἀδικία uma vez, não consegue se redimir e sempre estará em desacordo com as leis. Uma vez que comete algum crime ele acompanhará sempre em sua vida. Aqui se entende como uma análise moral sobre o cumprimento das leis e o porque segui-las. Ao fim do diálogo Sócrates ainda utilizando a sua metáfora com as leis diz; “ Hoje, porém, tu parte, se partires condenado injustamente, não por nós, as leis, mas pelos homens” (CRITÃO. 1980. 53 c.) Aqui é perto do desfecho da obra, onde entende-se o motivo de Sócrates continuar preso.

Esse diálogo tem sua *Ἀπορία* exposta pelo motivo de Críton não conseguir convencer Sócrates a escapar da prisão e por não entender as questões Socráticas⁴¹. A *Ἀπορία* ocorre por esse motivo. Críton não segue mais o seu escopo de argumentação, e sua ideia é refutada por Sócrates. Após a ideia do discípulo de Sócrates ser refutada por seu mestre, todo o medo em não conseguir convencer o

³⁹ *Critão*. 49 c.

⁴⁰ *Critão*. 50 e.

⁴¹ Isso ocorre na passagem 50, a que já foi exposta nesse trabalho.

filósofo a escapar é evidente. Poder-se-ia entender que a *Ἀπορία* ocorre por esse motivo, Críton não consegue convencer Sócrates com suas palavras. Diferente das outras obras apresentadas aqui, a *Ἀπορία* ocorre de modo diferente e não tão evidente como nos outros diálogos *σκέψις*. Um simples apreciador das obras platônicas pode não notar a *Ἀπορία* que está presente nessa obra. Ela exige um grau de atenção maior, porque Sócrates consegue convencer Críton e assim termina a obra. Há comentadores que dizem que a obra de Platão *Críton ou do dever* não é um diálogo propriamente, e muito menos um diálogo aporético, iremos excluir essas hipóteses nesse artigo e dizer que sim, *Críton* é um diálogo aporético. O que mais interessa nessa obra que foi *σκέψις* por último é o método que Sócrates utiliza, um método que é notado em todos os outros dois diálogos, existe a maiêutica, a *Ἀπορία* está presente – mesmo que de forma quase imperceptível –, a dificuldade no entendimento das questões impostas por Sócrates, todas as estruturas lógicas presentes nos diálogos aporéticos estão contidos também no *Críton ou do Dever*. O método de argumentação de Sócrates nesse período era; tentar determinar o completo da *areté*, mas que com todas suas dificuldades, seja por parte dos interlocutores e da própria protagonista do diálogo não ocorre. O que difere o *Críton ou do Dever* dos demais diálogos é que a forma que Sócrates aborda o seu interlocutor tem que ser diferente, por ele ser seu seguidor ele já sabia todos os caminhos para seguir para não ser refutado, Sócrates então parte para outro método argumentativo, que segue o mesmo escopo das demais obras *σκέψις* neste trabalho e nas outras obras do mesmo período, o que muda é somente a forma, mas a finalidade que busca essa argumentação é a mesma.

44

Conclusão

Após as *σκέψις* sobre os três diálogos, *Eutífron ou da piedade*, *Laques ou da Coragem* e *Críton ou do Dever* podemos definir nesse artigo que a falta de uma conclusão ou a *Ἀπορία* acontece por conta do mundo das imagens de cada indivíduo que está presente no diálogo. Os participantes desses três diálogos ao responderem as questões impostas por Sócrates, apresentam somente exemplos, a tentativa do filósofo grego em mostrar que existe outra resposta para *areté* vem a fracassar pois o mundo das imagens que está preso na alma de cada uma das personagens do diálogo se faz predominante sobre o entendimento da pergunta socrática – que eles não compreendem por completo, quem compreende a questão não consegue abandonar seu mundo das imagens e por fim não formula uma resposta adequada para a questão –, por fim entra em *Ἀπορία*. As personagens do diálogo são deveras sábias sobre a *areté* questionada até ver que, suas respostas são falhas sobre a completa definição. A frustração e irritação das personagens em não responder por completo é um dos motivos também para a desistência da conversa e um dos motivos para que aconteça a *Ἀπορία*, mas somente essa resposta para a *Ἀπορία* não seria suficiente, então nesse artigo foi apresentado que, a questão lógica de

argumentação é a mesma – até em Críton em alguns momentos, mesmo ele já conhecendo todo o desenvolvimento de uma conversa com Sócrates –, as respostas das personagens são semelhantes, o que apresenta que todos não compreendiam o preceito de unificação e quando compreendem não conseguem responder porque estão presas em seus respectivos mundo das imagens.

Referências

GOLDSCHMIDT, Victor. *Os diálogos de Platão. Estrutura e método dialético*. Edições Loyola. São Paulo. 2002.

PLATÃO. *Diálogos vol. I e II. Apologia de Sócrates – Critão – Menão – Hípias Menor e outros*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará. 1980.

PLATÃO. *Eutífrone*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará. 1980

PLATÃO. *Laquete*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará. 1980.

Submissão: 09. 12. 2019 / Aceite: 20. 05. 2020